

## Os difíceis caminhos da angústia

Resenha de Aline Camargo Gurfinkel, *Fobia*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, 163 p.

É de grande importância esta contribuição de Aline Gurfinkel ao estudo da fobia. Trata-se de um trabalho que vai muito além de uma introdução ao tema. É feito um percurso a partir dos primeiros trabalhos de Freud, que situam a fobia entre as neuroses de angústia, e vai acompanhando a evolução do conceito na obra freudiana, enfatizando o papel do complexo de Édipo e da angústia de castração como fundamentais para Freud para a compreensão da fobia. Dedicou todo um capítulo ao caso Hans e sua importância para a psicanálise, tornando-se, como a própria autora enfatiza, a bússola que norteará a construção teórica que virá em seguida. É a partir de Hans que Freud definirá a fobia como histeria de angústia e, portanto, dentro das psiconeuroses, superando definitivamente a concepção inicial que a situava entre as neuroses atuais, sem mecanismo psíquico, como ele as definiu.

A autora é muito precisa na exposição dos conceitos freudianos e nesta recuperação que faz do conceito de fobia nesses quase 120 anos dos primeiros escritos de Freud. Mas não se limita apenas a enumerá-los, indo além, apresentando os questionamentos que tais conceitos ensejaram e procurando enriquecer a discussão com o parecer de outros autores. Neste sentido, é importante a discussão que propõe sobre a relação da fobia com o femi-

no, partindo da constatação de que são as mulheres que mais apresentam este sintoma. Aline aponta para o trabalho de outros autores que discutem o conceito de castração com relação às mulheres e suas consequências sobre o psiquismo feminino. Green, Emilce Dio Bleichmar, Irene Meler, Annie Anzieu, Birman, Claude le Guen, entre outros, procuram ampliar a visão freudiana sobre a sexualidade feminina. Sempre retornando à questão da angústia, central em seu trabalho, a autora questiona no quinto capítulo de seu livro se haveria angústias propriamente femininas que poderiam nos ajudar a esclarecer a fobia em mulheres.

Aline, citando Montrely em um trabalho de 1979, afirma que "haveria uma angústia referente à feminilidade que advém de uma falha na constituição do recalque para a meni-

na, de modo que o poder da palavra e da representação na mulher seria outro. Na mulher, a palavra não se desprendeu de ser um prolongamento do corpo" (p. 107). E prossegue, com a mesma referência: "Montrely propõe que a mulher não chega a diferenciar completamente seu corpo daquele que foi seu primeiro objeto de investimento libidinal, a mãe. Por estar ligada à presença deste corpo, a angústia será insistente e permanente (...) Assim, na adolescência, o medo da feminilidade, tão freqüentemente citado, é um medo do corpo feminino enquanto objeto não recalçado, irrepresentável" (p. 108).

Em seguida, passa a discutir a estreita relação da histeria com o feminino. Lembra o quanto os medos de eventos do cotidiano estão presentes nas mulheres, além de nas crianças. Mas aponta que é preciso cautela antes de afirmar que isso seria decorrente do funcionamento histérico das mulheres. Para ilustrar menciona o trabalho de Vieira de 1992, em que o autor relaciona as fobias de rato e barata, tão comuns em mulheres, com a questão anal.

A autora cita D. Gurfinkel, que a partir de Winnicott retoma a idéia de um "medo de mulher", que seria uma espécie de correlato da angústia de castração. Seria um medo que não só as mulheres experimentam, um medo diante das questões da feminilidade e que pode expressar-se, por exemplo, como medo de uma mulher específica ou medo da dominação. É um tipo de medo que está vinculada à relação de total dependência entre mãe e bebê e que ressurge mais tarde.

Ainda com relação aos medos femininos lembra que Freud associava o medo de altura ao masoquismo nas mulheres. Já Cromberg, em 1999, discute a questão da vertigem e do desmaio na histeria e sua relação com o "corpo que cai" (o corpo materno que cai na infância para possibilitar que outro corpo se erga). E, finalmente, cita o pensamento de Lou-Andreas Salomé segundo o qual a angústia feminina em relação à vagina é vivida como abismo sem fundo.

Considero que, historicamente, as mulheres sempre foram tidas como medrosas e os homens, corajosos. Em nossa cultura, pode-se dizer que elas demonstram mais seus medos e que também pedem mais ajuda. Quanto aos homens, questiono se são tão pouco fóbicos, ou se, por trás de outras patologias, não estariam medos incapacitantes

ou fobias. Refiro-me especificamente ao uso/abuso do álcool e de outras drogas, sabidamente mais prevalentes no caso dos homens. Lembro-me de um paciente que diante da necessidade de passar por um túnel, parava antes em algum local onde pudesse comprar e ingerir algumas latas de cerveja, para só depois seguir viagem. Outro, quando parado em um congestionamento, tinha que recorrer a um conhecido tranquilizante que levava sempre nos bolsos. Tanto o álcool quanto os calmantes são significativamente usados e abusados por homens e mulheres durante viagens aéreas.

Estamos falando de medos, de angústia e do que as pessoas fazem com isso, sempre lembrando que a grande maioria delas nunca passará por nossos consultórios.

A partir de uma pesquisa feita há alguns anos pelo psiquiatra Jair Mari, da UNIFESP, sobre o uso de substâncias psicoativas em nosso meio, podemos dizer que os homens bebem e as mulheres tomam calmantes. Neste caso, é interessante lembrar a relação que alguns autores fazem do alcoolismo com a histeria masculina.

Não sei se os medos de homens e mulheres são diferentes, mas parece que há jeitos diferentes de lidar com eles, de acordo com o sexo.

A fobia, como a concebeu Freud no caso de Hans, é um mecanismo de proteção do ego contra o ataque da angús-

tia, angústia de castração como será daí para frente. A escolha de um objeto fóbico como depositário da angústia, ou, de parte dela, é conveniente para o psiquismo, já que o que era insuportável é deslocado para um objeto externo. Como lembra a autora, os pacientes que menos procuram ajuda são aqueles com fobias específicas, já que através de evitações conseguem driblar a limitação decorrente da fobia.

A leitura do texto nos faz divagar por outras áreas do saber, já que Aline reconhece, por várias vezes, a extensão do tema que se propõe a investigar, notadamente a questão da angústia: "Ora, no campo da filosofia, Kierkegaard relacionou a angústia à condição espiritual do homem e à emergência da possibilidade da liberdade, ou seja, a uma espécie de 'ampliação de limites', como que em contraponto à idéia de restrição. Heidegger, por sua vez, tratou-a como a disposição afetiva por meio da qual se revela ao homem o nada absoluto sobre o qual se configura a existência" (p. 99-100).

A autora utiliza dois casos clínicos para ilustrar sua exposição. Inicialmente apresenta um caso descrito por

Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900), em que interpreta sonhos de uma paciente com agorafobia, onde faz nítida relação da fobia com a sexualidade, particularmente com o desejo da paciente de ser seduzida, além de enfatizar o tema da castração e da inveja do pênis. Aline acrescenta a isso algumas questões à luz dos trabalhos posteriores de Freud e de outros autores sobre sexualidade feminina, ressaltando a questão da queda do corpo fálico e da separação da menina da figura materna, que envolveria questões pré-genitais mais do que aquelas relativas à castração. Trazendo um caso de sua própria clínica, vai se utilizando dos textos mais tardios de Freud e de outros autores, em que aparecem a importância da experiência pré-genital e de outras questões como o desamparo e a relação precoce com a mãe, particularmente no que se refere ao temor da perda deste amor.

Outro caso clínico, mas desta vez de fobia infantil, vai relacionar a fobia a situações vividas pelos pais, ou seja, procura mostrar como estão imbricadas as questões edípicas dos pais e o surgimento da fobia na criança. Aline argumenta: "Como vimos, os conflitos edipianos vividos por Rafael colocaram em ação o interjogo de todos os papéis da configuração edipiana dos pais. Assim, se por um lado, o conflito leva Rafael a 'fazer par' com a mãe e fortalecê-la em seu poder – escapando de seu próprio enfrentamento com a castração – por outro, 'chama' pelo pai, almejando ultrapassar sua

dificuldades por uma identificação com ele, ao adotá-lo como autoridade simbólica. Diferentemente de Hans – que é acometido pela fobia na fase anterior à latência, e para quem ficar restrito ao espaço de sua casa com a mãe representava seu maior conforto –, para Rafael, o ambiente familiar, a casa e seus cômodos, o cerceiam; fora deste espaço, sente-se mais livre. O espaço externo à sua casa pode ser entendido como exogâmico, sendo o espaço interno endogâmico, gerador de angústia relacionada aos desejos incestuosos recalçados" (p. 127).

Baseando-se na diversidade dos casos fóbicos tanto os citados por Freud quanto os seus próprios, sugere, assim como fizera E. Dio Bleichmar em trabalho de 1991, que consideremos fobias no plural.

O pensamento de outros autores também é abordado: M. Klein e seus seguidores, que relacionam a fobia às questões pré-edípicas e, portanto, precoces do desenvolvimento infantil; Lacan, que a relaciona com o fetiche e com a perversão, e Melman, que faz uma tentativa de aproximá-la da psicose.

Continuando a percorrer os caminhos do medo e da angústia, é oportuna a abordagem de uma patologia contemporânea, o chamado "transtorno de pânico". A autora questiona se esta nova forma de nomear a

angústia poderia ser considerada uma fobia moderna. Apoia-se na exposição de alguns aspectos do trabalho de psicanalistas contemporâneos e do nosso meio, particularmente Trinca, Sigal de Rosenberg e Costa-Pereira.

O atualmente chamado "transtorno de pânico" passou a ser descrito pela psiquiatria no início dos anos 80 e acho fascinante pensar nele como uma nova patologia que pode falar algo sobre o nosso tempo e a forma com que hoje adoecemos psicicamente. E a simples divulgação desta nova doença desencadeia uma série de eventos dignos de maiores estudos. Novamente vamos nos deparar com um número bem maior de mulheres que de homens em pânico, porém, este diagnóstico vai tomando conta dos discursos de muitos pacientes e da população em geral. Pânico passa a significar agorafobia, fobia social, medos intensos em geral e até medos experimentados por pacientes psicóticos com quadros persecutórios.

É notória a concomitância do pânico com a agorafobia.

Embora os ataques de pânico possam ocorrer dentro de casa ou até durante o sono, é nas ruas onde ele mais ocorre ou mais é temido.

O que nos cabe questionar é porque este quadro passa a ter lugar nos últimos anos do século XX. Poderíamos elencar uma infinidade de hipóteses para isso, mas vamos focar no momento apenas algumas, por exemplo, o quanto os sujeitos contemporâneos estão expostos à ação do imprevisível e de que forma a perda das utopias os afetou. Nos últimos anos um relativismo extremo passou a vigorar nas ciências humanas e em outras áreas do conhecimento. A humanidade perdeu suas referências. Talvez o desamparo pós-moderno seja este vazio deixado por aqueles que representavam um suposto saber.

A falta da sensação de uma pele, de um contorno, que ao mesmo tempo em que molde o sujeito também o proteja como membrana contra o excesso de invasores do mundo atual e que se relacionam com o ataque, ou seja, com a sensação de esfacelamento, de desmanche, do perigo de morte iminente.

O sujeito moderno está excessivamente exposto, invadido por informações de todo lado, perpassado por ondas eletromagnéticas, rastreado por satélite. Se lembrarmos de uma definição de Freud para

ataques de pânico como algo que acometia soldados na iminência de entrarem em combate, cabe perguntar para que batalha os sujeitos hoje em pânico estão se preparando. Com toda certeza há agressores e agredidos e o medo da morte está sempre presente.

Mais uma vez reconhecendo a complexidade do tema, Aline Gurfinkel finaliza seu livro enfatizando o trabalho da psicanalista Emilce Dio Bleichmar que sugere uma ampliação da compreensão dos vários aspectos causais da fobia, através de uma abertura de diálogo com outros setores no campo das ciências sociais e, principalmente, dentro da própria psicanálise. Na página 152 de seu livro menciona alguns dos autores pesquisados por Dio Bleichmar: "Ao trabalhar com as relações entre o desen-

volvimento emocional e o cognitivo, Dio Bleichmar lança mão das contribuições de R. Spitz, Piaget e Sara Pain, trazendo com isto uma contribuição importante para se pensar a fobia na infância. É novamente o espírito de 'democracia intelectual' que permite a Dio Bleichmar utilizar-se da contribuição de outras teorias de desenvolvimento – referidas desta vez ao cognitivo – para refletir sobre as condições intelectuais de uma criança para apreender – ou assimilar, utilizando um termo de Piaget – um determinado objeto como perigoso e ameaçador. O resultado, ao que tudo indica, é bastante profícuo para o psicanalista".

**Sálua S. Salama** é psiquiatra, psicanalista e bacharel em Ciências Sociais.